

Funaro: "O plano é problema nosso"

O ministro irritou-se ontem duas vezes em Washington, quando lhe perguntaram sobre o seu plano econômico

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Por duas vezes, o ministro Dilson Funaro perdeu a paciência ontem, em Washington, e fugiu dos repórteres que o cercavam. Foi quando perguntaram sobre o seu plano econômico, aquele livrinho amarelo distribuído aos banqueiros e à imprensa, que ganhou o apelido de "Livro de Ouro" do Brasil.

A primeira vez, diante do prédio do FMI, quando chegava para a primeira reunião do grupo de 24 ministros da Fazenda da Ásia, África e América Latina, pouco depois das dez da manhã:

— "Ministro, o Wall Street Journal publicou que dois banqueiros acham que o Brasil não está pronto para negociar, depois que o ouviram falar em Nova York (ver ao lado). O que é que o sr. acha?"

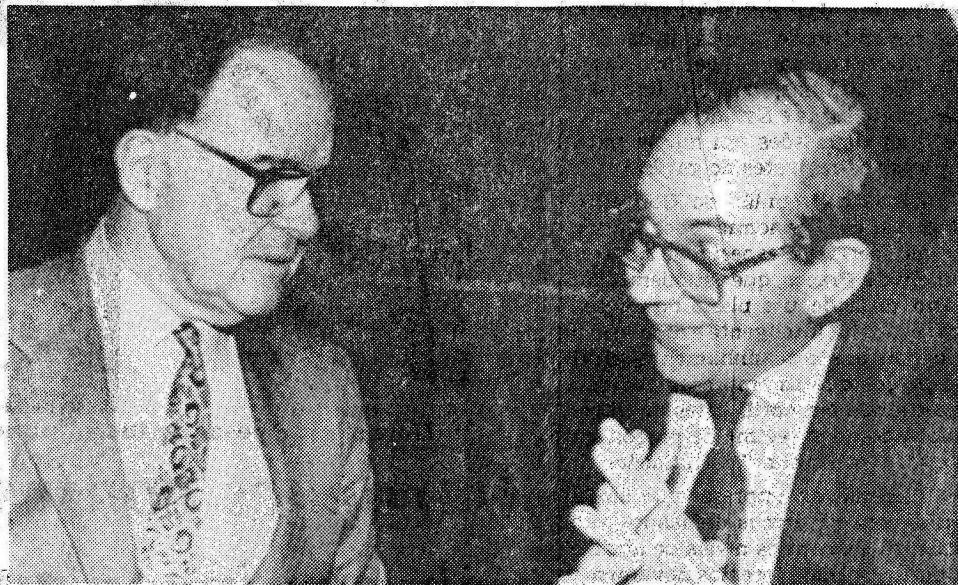
— "Não brinco com coisa séria" — cortou o ministro Funaro.

Antes, respondendo a outras perguntas, ele explicou que "não vim discutir nenhum plano econômico interno com bancos estrangeiros. O plano é um problema do Brasil. Os países devedores precisam resgatar a dignidade que perderam nos últimos anos, renegociando suas dívidas".

Um banqueiro americano, que saiu da reunião com Funaro em Nova York com a mesma impressão de seus dois amigos citados pelo Wall Street Journal de ontem, protestou, quando consultado:

— "A conversa de que ele não veio discutir plano não faz sentido. Nós temos bilhões de dólares no Brasil. E precisamos saber".

A segunda vez que o ministro Funaro irritou-se, revelando que o assunto é delicado, foi quando saía da



Conable e Camdessus, ontem no FMI

reunião do "grupo dos 24", quase uma da tarde. Um repórter lhe dizia, para formular uma pergunta, que soubera, entre funcionários da Secretaria do Tesouro próximos do presidente do Federal Reserve System, Paul Volcker, que o Brasil ainda não tinha um plano, apenas uma estratégia geral e...

— "Deixa eu colocar de saída o seguinte — o ministro Funaro interrompeu, visivelmente nervoso —, eu não respondo perguntas de pessoas que não se identificam. Eu me identifico sempre, e coloco muito bem as posições. 'Seu' Volcker não disse isso. O sr. me desculpe, mas eu tenho uma outra afirmação do 'seu' Volcker. O que é preciso ser colocado com clareza é o seguinte: o Brasil fez um programa de ajuste, existe um plano, o plano é de refinanciamento dos 4 anos, e está sendo levado com a maior seriedade (o chamado Golden Book). Qualquer discussão fora deste tema eu não discuto".

O ministro, nervoso, começou a

caminhar, quando ouviu a pergunta seguinte, que partiu do princípio de que o "Livro de Ouro" divulgado no Brasil dia 31 de março prevê um crescimento da inflação em 5% ao mês até o final do ano. E reagiu, ainda mais irritado: "Isto não está no plano". "Mas está implícito", defendeu-se o repórter. "Não está implícito no plano. É um erro de quem examinou o plano. Não sabe ler..."

Um dos cinco banqueiros norte-americanos que se encontraram com o ministro Funaro em Nova York, anteontem, foi o presidente do Bankers Trust, o mesmo que coordena as linhas de curto prazo interbancárias e comerciais que mantêm os bancos brasileiros funcionando nos Estados Unidos. E o Bankers Trust, ontem à tarde, colocou 540 milhões de dólares de seu crédito ao Brasil em Non-Accrual Basis, calculando que vai perder sete milhões de dólares em juros neste primeiro trimestre, e 30 milhões de dólares até o final do ano — outro banco que fez o mesmo ontem, tornando-se o décimo dos últi-

mos dias, foi o Security Pacific, de Los Angeles, que reclassificou 401 milhões de dólares da dívida brasileira, prevendo uma perda de 7,2 milhões de dólares no primeiro trimestre.

Mas o Bankers Trust tomou a decisão por ter considerado inconsistente o plano econômico do ministro Funaro?

— "Não, por favor: uma coisa não tem nada que ver com outra" — apressou-se a declarar uma alta funcionária do banco, consultada em Nova York. "Isto é o que estão todos fazendo...", justificou-se.

Nas vezes que saiu e entrou no prédio do Fundo Monetário Internacional, ontem, o ministro Funaro pode ver um piquete de apoio ao Brasil, com um cartaz preso a um caixote: "Viva o Brasil", estava escrito. Mas este é um apoio pouco recomendável: parte do político ultraconservador e radical Lyndon Larouche, o mesmo que já garantiu que "a rainha da Inglaterra importa cocaína" e que "Reagan espalha Aids" pelo mundo.

Mas o ministro Funaro está encontrando outros que o apóiam, como disse aos jornalistas brasileiros em suas duas entrevistas tumultuadas de ontem. E, entre eles, os próprios banqueiros.

— "Como foi a sua reunião com os cinco dos maiores credores do Brasil?" (O Citicorp, o Chemical, o Bankers Trust, o Chase Manhattan e o First do National de Chicago).

Funaro: "Reunião onde colocamos a verdade, o que aconteceu. O quanto é importante eles (os banqueiros) assumirem que havia uma crise em '80 e '82. Uma reunião positiva, porque toda reunião que examina em profundidade o problema da crise são reuniões positivas e eu espero que este caminho de um diálogo franco e aberto possa trazer bons resultados".

— "A reunião serviu para aproximar o Brasil de seus credores?"

Funaro: "O Brasil nunca esteve distante de uma discussão séria. Ao contrário: sempre colocamos isto durante o último ano e meio. Às vezes podem ter um obstáculo como a sus-

pensão do pagamento dos juros. Mas não significa que não tenhamos sempre uma discussão à altura e com a profundidade do problema".

— "E a reação dos banqueiros, como foi?"

Funaro: "Positiva. Todos sabem que estamos no mesmo problema. A resposta é sempre a de que estamos no mesmo barco. E é uma verdade".

— "Mas houve uma discussão sobre como sair do impasse a curto prazo?"

Funaro: "Acho que a discussão é um pouco mais longa do que esta. Mais profunda. O Brasil não veio pedir um reforço instantâneo de um empréstimo, ponte, ou algo parecido. O Brasil veio discutir o seu programa dos próximos quatro anos. Este programa que interessa ao Brasil, aos credores, às nações, aos investidores nacionais e estrangeiros. Não precisamos discutir uma nação que tem um futuro. O Brasil é um excelente país. Tem recursos... É a oitava economia industrial do mundo. Não pode ser colocado esperando resposta de comitês durante o resto da vida. Precisamos discutir realmente o futuro da Nação. É isso que precisamos discutir e eles (os banqueiros) entendem muito bem. Hoje compreendem que o Brasil tinha razão em levantar estas portas.

— "Uma última pergunta, ministro: o sr. veio preparado para uma discussão ampla, mas os banqueiros parecem querer soluções a curto prazo. Vocês estão falando duas línguas diferentes?"

Funaro: "São 800 bancos, dos quais alguns são grandes bancos. Nós temos discutido com alguns banqueiros. Evidente que não existe uma idéia só entre 800 presidentes de bancos. Várias idéias... Importante, neste momento, é discutir um plano que permita restabelecer um projeto de crescimento brasileiro e que os financiamentos, a dívida, o problema da dívida, tudo seja discutido neste plano. Temos vários tipos de idéias em andamento, em discussões. O que nós procuramos fazer é mostrar que dentro deste caminho existem soluções para o problema da dívida. É isto que está sendo discutido neste momento. Era realmente uma proposta ampla onde participam as nações, e os bancos, e as instituições de crédito como o Banco Mundial, por exemplo. E ela tem de ser levada nesta amplitude, porque estamos discutindo sobre uma nação e não apenas sobre um empréstimo. Nós estamos discutindo o futuro do povo brasileiro.

O que irritou o ministro

NOVA YORK — A frase que irritou o ministro Funaro está no quinto parágrafo de um pequeno artigo escrito ontem no Wall Street Journal pelo jornalista Peter Truel — o único representante da imprensa a assistir a palestra de Funaro no Council of Americas, em Nova York, na última terça-feira.

De acordo com a nota do jornal, "um banqueiro norte-americano disse que o Brasil ainda não estaria em condições de dialogar com os credores privados". Outros banqueiros, também presentes à sala de conferência, ainda segundo o jornal, disseram que estavam interessados em conhecer os

planos do ministro e precisavam de mais detalhes para fazer comentários sobre o projeto brasileiro.

A notícia irritou Funaro, principalmente porque o ministro, ao sair das duas palestras — a primeira foi no Council of Foreign Relations — declarou à imprensa brasileira que seu pronunciamento "foi muito bem aceito". Só que antes mesmo do ministro encerrar sua última palestra, o repórter do jornal americano já dizia à imprensa brasileira — impedida de assistir às conferências — que até aquele momento, o clima entre banqueiros e investidores americanos era de total ceticismo.